

A dimensão estética na formação de professores

Sumário:

0. Enquadramento introdutório
 1. Conceito de estética
 2. Formação de professores e valores estéticos inerentes
 3. Conclusão
-

Epígrafe: «O homem necessitado não tem sentido para o Belo» (Iuri Lotman)

0. Enquadramento introdutório

A presente Comunicação, de índole ensaística, enquadra-se no âmbito do Simpósio da Escola Doutoral de Educação/Currículo da FACEP-UP e comporta duas partes: uma, relativa à contextualização do conceito de **estética** e outra, relacionada com a **formação de professores** e os valores estéticos inerentes: Suportar-se-á de citações de certos autores do passado e de alguns, do presente, sem se pretender fazer a inventariação do pensamento destes, mas sim com o propósito de estabelecimento de «pontes».

São considerados por isso, nesta apresentação, os indispensáveis dados históricos e filosóficos, sem excederem os limites de breves indicações, pressupondo um certo conhecimento destas matérias, por parte dos presentes.

Para a abordagem da dimensão **estética** do Homem, em geral (e na formação dos professores em particular), importa considerar que ela se relaciona com a personalidade do sujeito e é também uma questão de **valor**, enquadrando-se no que podemos chamar de necessidades básicas do Homem, a um nível secundário (complemento das necessidades primárias, como veremos mais adiante).

Como refere DICKE (2008:15) «as questões que fazem parte do campo da estética desenvolveram-se a partir de preocupações congénitas na história do pensamento: a teoria da beleza e a teoria da arte», discutidas por Platão. Entretanto, é importante tomar em linha de conta que os problemas e as teorias da estética evoluíram ao longo da História, desde a Antiguidade Clássica Grega (com Platão e Aristóteles, como se constata, até à actualidade, com Kant e outros).

O termo «**estética**» deriva do adjectivo grego *aisthéticos*, referente à **sensibilidade**.

Este ponto (de especulação intelectual, de teorização, de reflexão em torno de certa área do saber, no caso, a estética) é crucial para nós (africanos, particularmente da zona austral), na medida em que se conjectura que a nossa visão do mundo, a nossa cientificidade (aliada à ausência de uma cultura de registo, ou de escrita convencional sistematizada) inibiram a construção de um carácter especulativo, isto é, de teorização dos fenómenos, dos eventos, dos acontecimentos, dos factos, etc., como processos tendentes a generalizações que permitam o estabelecimento de definições, de conceitos, de princípios gerais, o que limita o desenvolvimento da visão científica.

Sendo verdade ou não, é assim como «somos lidos» pelo conhecimento universal (na verdade, é o Ocidental). Isto poderá replicar-se na visão sobre a estética. Teremos, nós, alguma vez, desenvolvido o pensamento histórico, especulado sobre o saber científico, como actividade intelectual específica, sobre a estética, o belo, de modo formal e metódico, em circunstâncias e espaços assim concebidos?

Para elucidar, vejamos como estas inquietações encontram eco nalguns intelectuais africanos do início dos '20 (XXº) (que se encontravam a estudar nas antigas Metrópoles europeias), através dos seguintes excertos (da arte da palavra) sobre «nós», ou seja, sobre eles mesmos e reflectamos:

«A razão é helénica; a emoção é negra».

Leopold Senghor (1934 – poeta da Negritude - Senegal)

<p>Aqueles que não inventaram a pólvora ou a bússola</p> <p>Aqueles que nunca souberam domar o vapor ou a electricidade</p> <p>Aqueles que não exploraram os mares ou o céu</p> <p>Mas conhecem nos seus ínfimos recantos o país do sofrimento</p> <p>Aqueles que das viagens só conhecem desenraizamentos</p> <p>Aqueles que se submeteram de joelhos</p> <p>Aqueles que foram domesticados e cristianizados (...).</p> <p>Aimé Césaire (1913 – poeta da Negritude - Martinica)</p>	<p>Este coração obsessivo que não corresponde à minha língua e aos meus trajas</p> <p>E sobre o qual mordem como agulhões os sentimentos de empréstimo e os hábitos Da Europa, sentis este sofrimento</p> <p>Este desespero sem igual</p> <p>De aprisionar com palavras de França</p> <p>Este coração que me veio do Senegal? (...).</p> <p>Léon Laleau (poeta da Negritude - Haiti – 1892)</p>
---	--

Retomando a questão das «necessidades» básicas do Homem, as primárias seriam aquelas que procuram satisfazer as carências vitais de existência do ser, como as biológicas (alimentação), as fisiológicas (cuidados com a saúde) e as de reprodução (para a perpetuação da espécie humana).

Enquadram-se ainda na personalidade primária do Homem, as expressões dos **cinco órgãos** naturais **dos sentidos** que se materializam no **olfacto**, no **paladar**, no **tacto**, na **visão** e na **audição** e que, de certa forma, têm relação com as chamadas **seis Artes Clássicas** (constituídas com base nas perspectivas da estética Ocidental): **pintura**, **dança**, **escultura**, **música**, **arquitectura** e **literatura**. Para além destas, na actualidade, integram ainda as Artes o **cinema** (considerada «**sétima arte**»), o **design** (nominada oitava arte) e a **Banda Desenhada**, designada também **nona arte**).

Neste sentido, Lotman (*op. cit*), parece ter razão, na medida em que só depois de satisfeitas as necessidades básicas é que o Homem sente ou pode sentir outras, de natureza prazerosa (por exemplo, através da arte, da estética, da beleza, etc.) e manifestar outras ainda, por exemplo, de natureza espiritual (culturais, de lazer, de religiosidade, etc.).

São estes elementos (os **sentidos**, a espiritualidade e o prazer) que influenciam a visão do mundo do Homem, ou seja, a sua **educação ao longo da vida** e lhe permitem a sua interacção física, metafísica e psicológica com o mundo físico e imaginário circundantes, com o conhecido e o desconhecido procurando, permanentemente, desvendar o seu lado oculto ou aprofundando o seu conhecimento empírico, pragmático e científico, sob a «umbrela» da sua cosmovisão (influenciada por aqueles factores).

É igualmente importante a referência ao valor da estética no processo de formação do Homem, em geral e do professor, em particular. Neste âmbito, daremos um breve enfoque à perspectiva didáctico-pedagógica de formação de professores, na sua relação com a necessidade do desenvolvimento da dimensão estética na sociedade e na escola, partindo do pressuposto de que o processo educativo é também um processo de partilha de saberes e da visão do mundo (de crenças, de gostos, de ideias, de princípios, de conhecimentos, de habilidades, etc.).

1. Conceito de estética - Perspectiva teórica da beleza (dos Clássicos Gregos - IV^o, III^o a. C.), **à contemporaneidade**

«A arte como imitação»

Sócrates (470 ou 469 a. C.), em *O Banquete (Symposium)*, cujo **tema** é o **Amor**, considera que deve haver um modo adequado de se aprender a amar a beleza. A educação deve iniciar-se em tenra idade e os jovens devem ser primeiro ensinados a amar um **corpo** belo (dimensão física), depois as **almas** belas (dimensão espiritual) para chegar, finalmente, ao máximo da abstracção do Belo.

Platão (428-348 a. C) defende a teoria de **arte como imitação**. Defende, por exemplo, que o acto de imitar é congénito no Homem. Considera que há dois níveis de imitação: (i) os objectos do mundo sensível que imitam as Formas e (ii) as representações feitas por artistas, que imitam os objectos do mundo sensível. Para este filósofo, o mundo das **Ideias** é representado pelo **Bem** (mundo ideal), como realidade suprema, donde dependem as demais ideias e valores (éticos, lógicos e estéticos).

DICKE (2008: 19-20) constata que Platão estabelece uma fronteira nítida entre i) as coisas belas que se incluem na classe de objectos que vemos, ouvimos ou tocamos no «mundo dos

sentidos» e ii) a Beleza em si que existe separadamente do mundo das imagens e dos sons, isto é, no «mundo inteligível».

Aristóteles (384-322 a. C.), diferentemente de Platão, observa que não há dois mundos, mas apenas um, «inteligível» que nos permite conhecer a natureza, assim como a arte. Desenvolveu a *Poética* (arte da palavra) que se ocupa de três géneros de arte: tragédia, comédia e poesia épica.

A filosofia platónica e aristotélica teve bastante influência no pensamento ocidental-cristão.

Tomás de Aquino (1225-1274) define «beleza» como «aquilo que agrada quando é visto» e estabelece três condições da beleza: a perfeição ou ausência de defeito, a proporção ou harmonia e a luminosidade ou claridade.

Alexander Baumgarten (1714-1762), filósofo racionalista, fornece a base da estética na sua forma moderna e introduz o termo «**estética**» que, com o tempo, se torna numa área específica de estudo. É adepto da ideia de que o **comportamento** e os **fenómenos** são **resultado** de uma **faculdade mental** (baseada na doutrina medieval). Segundo esta doutrina, há as seguintes faculdades:

- vegetativa – explica a nutrição e procriação;
- locomotora – explica o movimento;
- racional – explica o comportamento mental;
- sensoriais – explicam a percepção, a imaginação e coisas semelhantes.

Deste modo, Baumgarten integra a estética como ciência da cognição sensorial.

Immanuel Kant (1724-1804), na famosa obra sobre a teoria do gosto, *Crítica da Faculdade do Juízo*, discute a teoria da beleza (e do sublime) e situa-se na tradição da filosofia do gosto. Para Kant, a natureza é o sistema orientado para os fins de Deus e os organismos deste sistema (seres humanos, animais, plantas, etc.) são a «arte insondavelmente grandiosa» de Deus; assim, tudo o que é obra de Deus é belo. Este valoriza igualmente a **importância da autonomia da estética**. Para ele, a arte tem um carácter multifacetado: moral, político, religioso, educativo, social...

- Estudiosos do **século XIX** (período do **Romantismo** e de uma forte aura do **misticismo** e da **religião**): A **criação artística** é identificada e associada à **libertação da emoção**.

Schopenhauer é considerado o responsável pela introdução da **teoria estética**.

Segundo a sua teoria, algo é belo porque é objecto da contemplação estética de uma pessoa. A beleza de um objecto surge como resultado de ser o objecto da consciência estética de alguém. Qualquer coisa pode tornar-se bela, mas há limites: o obsceno e o doentio não podem. Defende ainda que existe a consciência comum e a **consciência estética**; esta é **muito diferente e rara**.

Nietzsche defende a teoria platónica de criação artística. A arte passa a valorizar as qualidades dionisíacas (vigor, intensidade, etc.) e diminui o interesse em qualidades apolíneas (calma, ordem, etc.) e emerge a teoria da **arte como expressão da emoção do seu criador** (o **artista**).

Tantos outros estudiosos reflectem sobre a estética, entretanto, elucidamos apenas o pensamento de alguns.

2. Formação de professores e valores estéticos inerentes

O processo de formação de professores compreende várias componentes e, nesta apresentação, interessa-nos a que se situa ao nível das **atitudes**, ou seja, do **saber ser e estar**.

Associa-se a estas componentes, o que se convencionou designar por currículo oculto.

Como refere García (1995: 91), «os professores têm de adaptar o seu conhecimento geral da matéria às condições particulares da escola e dos alunos», para poder inculcar neles os valores inerentes a essa sociedade (os nacionais e os globais) de forma harmoniosa e complementar.

Neste sentido, a construção da dimensão estética no aluno deve partir dos valores estéticos circundantes à realidade da escola e ter em consideração que esses valores encerram visões do mundo, crenças e princípios específicos da comunidade local, que podem não coincidir, em alguns aspectos, com os do professor, se eventualmente, não pertencer àquela comunidade (como é o caso da realidade do nosso país).

O que é considerado belo Zumbo, pode não o ser no Índico. Na Europa ocidental, por exemplo, uma flor ou a sua imagem configura o belo, entretanto, pode não o ser nas zonas rurais do nosso país, pelo simples facto de esta se inscrever no universo das plantas, comestíveis ou não, da aldeia, sem conotação com valor estético.

A flor pode não representar, necessariamente, um valor estético para todos; a título de exemplo mundano: no nosso caso, do substrato Bantu, a oferta de um ramo de flores a alguém, por ocasião de um evento festivo, não encerra grande importância, valor estético ou simbólico, pois não é esse o nosso universo estético e de expectativa (para nós, a flor como objecto estético corresponde a uma assimilação de valores culturais outros, adquiridos no processo de aculturação secular). Algumas reflexões:

Face a esta situação, como podemos determinar os «nossos» valores estéticos em Moçambique, na nossa comunidade, para os transmitirmos aos alunos?

Teremos, nós próprios (professores), a sensibilidade estética? Se não, como construí-la ou potenciar este valor?

Não estarei longe da verdade, se afirmar que quase todos nós que estamos presentes neste evento, não cultivamos o hábito de apreciar, isto é, não fomos ensinados a contemplar (como acto de ver com critério e discrição); parece que olhamos, apenas e gostamos. Será um simples sentimento instintivo (dando razão a Senhor, supra citado?) Uns, concordarão, outros, não e todos estão certos. Podemos voltar aos textos dos «nossos» poetas e procurarmos a profundidade das suas palavras, isto é, o que elas dizem para lá dos sentidos imediatos. O que há de belo?

No cristianismo ou no islamismo, porque «nos ensinaram» a ver as figuras da arte sacra como Santos milagreiros (brancos), não só os veneramos, como os adoramos, aceitamos e assumimos, por exemplo, os crucifixos, os seus símbolos como belos, contudo, no limite, elas reflectem, acima de tudo uma Civilização hegemónica universalizante.

Imaginemos ver, nos locais de culto, santos e anjos negros? Suponho que era capaz de ser considerado escandaloso e blasfémico elevar o negro à categoria de símbolo, de imagem que

representa a espiritualidade artística, o Belo estético, o Bom, o Justo. O negro é conotado com a negatividade.

Como podemos constatar, a «nossa» reflexão teórica em torno do conceito de estética impõe-se e é um grande desafio de todos, pois coloca uma exigência de natureza epistemológica e até, de certo modo, de exegese e de interpretação (hermenêutica), ou seja, de discussão e de estabelecimento de verdades aceites por um número significativo de membros da «nossa» comunidade, o que vai permitir o estabelecimento de «denominadores comuns», de princípios gerais, de teorias, de definições, ou seja, de abstrações que conduzam à aceitação de um certo belo.

A este propósito, perguntemo-nos: Por que razão os Museus (temáticos, por exemplo) nos dizem pouco, quando eles são depositários de memória e de estética?... Acho que é porque é preciso saber «lê-los» (no sentido hermenêutico) e nós não fomos ensinados a tal exercício abstraccionista.

No país, na nossa comunidade e na da Escola, temos as nossas referências de estética e do Belo (ainda que aceitemos «valores universais» conceito, mesmo assim, muito discutível) e é esse desafio que nos espera: construirmos o nosso universo de referências estéticas, tematizarmos, classificarmos, designarmos, cronologizarmos, enfim, padronizarmos. Para isso, acho que muitos **preconceitos** devemos vencer, para começarmos a construir **pré-noções** sobre a nossa estética, o nosso belo, a nossa arte, etc.

Para o enquadramento dos saberes locais do aluno na esfera do cultivo dos valores estéticos universais, como refere García, (*op. cit*), é necessário que os professores estejam sensibilizados para conhecer as características socioeconómicas e culturais do bairro, as oportunidades que oferece para ser integrado no currículo, isto é, o professor tem de ter **conhecimentos sobre os alunos** e uma **predisposição** para o efeito.

O desenvolvimento da dimensão estética nos alunos vai pressupor a sua assunção, o seu conhecimento e uma certa habituação ou familiarização com a arte, com o belo, com o sensível, com a contemplação.

Como referimos na parte introdutória, mais do que fazer a enumeração dos elementos que o **professor** acha que podem dar **prazer**, configurar o **belo**, o **artístico**, o **estético**, é importante que saiba **ensinar, educar o aluno a saber olhar, contemplar, apreciar, reflectir, interiorizar, sentir**.

Múltiplos factores podem contribuir para essa diversidade de sensibilidades, desde o conhecimento anterior na comunidade, na província, no país e no mundo (pode ser através dos livros) a experiência familiar, o ambiente social, enfim, a educação artística, a raça, o sexo, tanto do professor, como do aluno.

Estas valências podem ser enquadradas nas grandes competências docentes, ao nível do saber ser e do saber estar e pretendem contribuir para a potenciação da educação para a cidadania e para o bem físico e interior dos intervenientes no processo educativo (comunidade escolar).

Neste sentido, parece-nos ainda válida a proposta de García (1990), citado por García (1995: 92-93) que categoriza os **conteúdos** a serem ensinados na **formação de professores** em três, a saber: **Teoria, Sociedade e Classe**. Atemo-nos às duas primeiras (com adaptações nossas ao nível do conteúdo) por estarem conexionadas com a temática em apreço. Deste ponto de vista, para o estímulo, a «nutrição» e a ampliação da dimensão estética no aluno, é desejável que o professor procure **conhecer**:

- . um leque variado de definições de cultura, de arte e de estética, em geral;
- . várias visões de **diversidade artística e tipos de arte** (o que é arte para «nós» na comunidade, na província, no país, arte barroca, arte sacra (legados da civilização ocidental), etc.;
- . **diferentes meios e métodos de criação de obras estéticas** (artísticas, da natureza, imaginárias);
- . os conceitos de **relativismo cultural, artístico, estético** e o etnocentrismo;
- . os conceitos de **enculturação** (artístico-estética), **aculturação, biculturalismo** e conhecer como se relacionam estes conceitos com o **grupo hegemónico** (no caso, a civilização Ocidental) e a cultura da maioria;
- . o **conceito de etnia** e evitar estereótipos na apresentação de **informação** cultural e **artística**, apresentando-a no quadro de uma **abordagem comparativa** (por exemplo, numa perspectiva global ou local). (Adaptado de Garcia, 1990)

Simultaneamente, pretende-se que o professor alie ao conhecimento, o **desenvolvimento de competências e de habilidades de conduta** (podemos situar aqui a **sensibilidade** e o **conhecimento** da sua dimensão estética). Destacamos as seguintes (algumas) propostas de **competências** (adaptadas de Lynch (1989), citado por Garcia (1995):

. desenvolver a competência visual, linguística, **estética** e **imaginativa** como base para o diálogo e o discurso intra e interculturais diferentes.

. facilitar a compreensão da história do seu próprio país no contexto histórico e de desenvolvimento mundial, especialmente, na sua relação com os países limítrofes.

Para o efeito, o professor deve saber despertar e potenciar, no aluno, as dimensões cognitiva, imaginativa, reflexiva, recreativa, fazendo com que este pense por si e atribua, ele próprio, os sentidos que lhe transmitem as diversas manifestações artísticas ou estéticas, tendo sempre a preocupação de as contextualizar para um melhor enquadramento sociocultural, histórico, etc..

Reflectamos sobre as seguintes questões:

Se, como referimos na epígrafe, «o homem necessitado não tem sentido para o belo», estaremos a inferir que o Homem modesto não terá uma dimensão estética? Associamos esta questão ao seguinte:

As nossas zonas urbanas, suburbanas e rurais (em Moçambique) apresentam o seguinte quadro-resumo: comércio informal e uso da via pública como local de alívio das necessidades fisiológicas, cor-imagens dos edifícios (in)característicos, falta de centros culturais e artísticos na periferia, etc.. Perante este quadro, que modelo social de estética o professor (e o aluno) terá? Como criará a sensibilidade para o belo, em si e no seu aluno?

3. Conclusão aberta

Neste sentido, a Arte (como materialização da dimensão estética) é uma das formas de representação, de reprodução, de simbolização e de recriação dos mundos (físico, social e imaginário), tanto como expressão prazerosa, assim como rememoração de um acto, de um

facto, de um evento real ou inventado, isto é, a **arte** é, como refere Cochofel (1992: 17) «fonte de sincero prazer estético».

Se é verdade que todos nascemos com uma pré-disposição para o prazer, para o gosto, para o estético, não é menos verdade que, a partir de uma certa dimensão, necessitamos de **aprender a gostar**, sobretudo, de **aprender a ver/apreciar/contemplar, a ouvir/escutar, a falar/discursar/escrever**, etc.

Nesta base, para a compreensão do **carácter formal** destes processos de aprendizagem do gosto, do prazer, do estético, recuperámos os Clássicos Gregos, particularmente Sócrates, Platão, Aristóteles e outros e resumimos o seu pensar:

«As necessidades materiais não são suficientes; há que ter também em conta alguns confortos habituais, luxos e diversões» (Gláucon, *in* Livro II de *A República*, de Platão). – Quererá isto dizer que a arte é elitista? Talvez sim...

Para um Estado civilizado «serão precisos poetas e pintores, artistas e músicos, servos e açafatas (empregadas dos senhores)» (Sócrates, *in* Livro II de *A República*, de Platão). – Deduzir-se-á a existência de Estados não civilizados? Que valores estéticos caracterizariam um Estado civilizado?

Outros filósofos como Tomás de Aquino e alguns contemporâneos, o caso de Kant e Baumgarten (por exemplo), deram continuidade ao pensamento estético dos clássicos gregos e latinos, contudo, um problema persiste: todos concordamos com a ideia de que o gosto, o belo, o estético existem mas será unânime a ideia que cada um tem do gosto, do belo, do estético?

Estes filósofos influenciaram o chamado pensamento Ocidental, com o seu carácter especulativo, reflexivo e teórico, em «contraste» com o que se conjectura do Homem africano subsaariano, caracterizado, afirmam, pela emoção e não pela razão, conclusão, no mínimo redutora para nós, recordemo-nos de Senghor, de Césaire de Laleau, citados antes.

O **domínio da escrita** mostrou-se como um instrumento poderoso de obtenção, de divulgação, de fixação do conhecimento, de reprodução do saber e de mitificação de crenças, e atinge, desde a antiguidade clássica, uma dimensão de divinização dos muito poucos que a dominam.

Consideramos algo Belo se, no exercício da nossa contemplação imaginária, espiritual ou física, presentirmos que tal acto acrescenta algo de novo, de inesperado e de estimulante em nós, ainda que tal aconteça de forma obscura, ou seja, sem que conscientemente nos apercebamos disso.

O Belo pode apresentar-se de diversas formas, por exemplo, na observação/contemplação de um quadro de pintura, de uma escultura, de uma paisagem; na escuta de uma faixa musical, para quem é letrado, na leitura de um livro (literário e não só).

Para terminar, parafraseando COCHOFEL (1992), pode-se referir que cada época, cada ambiente ideológico, cada corrente filosófica traz a sua solução ao problema da estética, do belo, filtrada pela observação, pela personalidade e pelas exigências lógicas do pensamento dos seus representantes mentais (referências culturais, no caso, os artistas).

Ainda em COCHOFEL (1992, *op. cit.*), Diderot faz, para fechar, a seguinte verificação: «todos os homens estão de acordo em que existe o belo, muitos sentem-no vivamente, apesar de poucos saberem o que seja. O que equivale dizer que o belo é profundamente sentido e quer a sua acção, quer o seu reconhecimento, quer mesmo a sua produção na arte, se apresentam como anteriores e independentes ao conceito.

Podemos dizer que o professor deve, ele próprio, dotar-se de sensibilidade estética e ter consciência de que o Homem se inscreve como um ser sensível e pensante, fundamentalmente, como um ser social que fabrica objectos com que domina a natureza, construindo-se assim a si próprio.

Como constata Hegel, através dos objectos exteriores, o Homem procura encontrar-se. Pela obra de arte, o homem, seu autor, procura exprimir a consciência que tem de si próprio, ou seja, há objectos que despertam em si o sentido do belo, que podem ser objectos naturais ou produzidos por ele mas sem finalidade estética. A estes junta-se outra classe de objectos destinados a diversos fins, mas criados no intuito de obter o belo.

* Docente de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e de Teoria da literatura na FCLCA-UP (Prof. Associado)

BIBLIOGRAFIA

- GARCIA, Carlos Marcelo, *Formação de Professores*, Vol. 2, Porto Editora (traduzido do Espanhol), Porto, 1999.
- DICKE, George, *Introdução à Estética*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 2008
- PLATÃO, *A República*, Publicações Europa-América, 4ª, Mem Martins (Portugal), 1998 (Tradução portuguesa de Sampaio Marinho).